

A ARTE DE PINTAR EM PROSA: AS RELAÇÕES DA LITERATURA E PINTURA NA NARRATIVA DE EDGAR ALLAN POE

Alessa Van der Ham¹; Rosilene Frederico Rocha Bombini²

¹Centro de Ciências Humanas – Universidade do Sagrado Coração (USC) Bauru/SP
vanderhamalessa@gmail.com; ²Centro de Ciências Humanas – Universidade do Sagrado Coração (USC)
Bauru/SP Grupo de Pesquisa Ensino de Língua e Literatura
rosilene.bombini@usc.br

RESUMO

Por meio desta pesquisa, procura-se desenvolver um estudo aprofundado sobre a ligação entre Literatura e a Pintura. Apesar de consistir em atividades diversas, essas duas manifestações artísticas interagem entre si e se comunicam dentro de um vasto campo denominado Arte. A Literatura é a arte da palavra e a pintura é a arte das cores e formas e, quando nos propomos a identificar essa união, verificamos que a linguagem é formadora de imagens que são criadas a partir de determinada linguagem adotada e trabalhada. Com esta pesquisa, busca-se delimitar onde, quando e como a arte da literatura se encontra com a arte pictórica. Serão discutidas as relações existentes entre as duas artes por meio de uma retrospectiva histórica, além de demonstrar seus pontos de semelhança aplicados em um conto de Edgar Allan Poe. Com a escolha e muitas vezes a criação do léxico, o autor torna presente a plasticidade em suas obras e transmite para seus leitores a possibilidade de visualizar imagens por meio das palavras. Dessa forma pretende-se demonstrar, por meio de pesquisa bibliográfica, uma comparação consistente entre uma obra de Edgar Allan Poe e as artes visuais.

Palavras-chave: Literatura. Pintura. Linguagem Poética.

INTRODUÇÃO

Desde a Grécia Antiga, são apontadas aproximações entre pintura e poesia. Um dos maiores poetas da Roma Antiga, Horácio, expressou em seu livro *Ars Poética*, uma interpretação da similaridade entre a poesia e a pintura, "Ut Pictura Poesis", assim traduzida: "a poesia é como a pintura" (OLIVEIRA, 1999, p.7,8-13). Já o poeta grego Simónides de Ceos afirmou que: "A pintura é uma poesia muda e a poesia é uma pintura falante" (OLIVEIRA, 1999, p.13).

Diante disso, o presente trabalho busca explorar como acontece tal relação entre essas artes "irmãs" e demonstrar como o texto narrativo poético pode ser extremamente visual representado por trechos do conto *A queda da casa de Usher* (POE, 2014) do autor norte-americano Edgar Allan Poe.

Para Aristóteles, o poeta é um imitador, assim como o pintor ou qualquer outro criador de imagens, imitando uma de três coisas possíveis acerca de como as coisas eram ou são realmente, ou como dizem e parecem, ou como deveriam ser; porém o escritor utilizará a elocução de palavras raras, metáforas e diversas modificações da linguagem, complementando que essa é uma concessão que fazemos aos poetas (ARISTÓTELES, 2004).

De acordo com o livro *O que é arte*, de Jorge Coli, “arte são certas manifestações da atividade humana diante das quais nosso sentimento é admirativo, isto é: nossa cultura possui uma noção que denomina solidamente algumas atividades e as privilegia” (COLI, 1999, p.8). Ou seja, a arte transmite e expressa ideias e emoções independentemente da sua forma final, que pode ser uma pintura, uma escultura ou um texto literário, entre outros meios de produção. Não importa a forma como é trabalhada, ela reflete as ações e os acontecimentos ocorridos ao longo dos tempos. Dessa forma, a literatura é um grande condutor de sensibilidade do autor, assim como a pintura.

Já para a literatura, Fernando Pessoa (1974) em sua *Obra em Prosa*, afirma que “Toda a Arte é uma forma de literatura, porque toda a arte é dizer alguma coisa”. E diz ainda que em toda arte que não seja a literatura há de procurar uma frase silenciosa que ela contém, ou o poema, ou o romance, ou o drama. Já a Literatura é a arte que se forma com palavras dispostas de determinada maneira (PESSOA, 1974, p. 261).

Assim podemos entender a complexidade por trás da escolha do verbo para formação de uma obra literária, com palavras carregadas de significado, não apenas uma escolha aleatória. Esse trabalho de selecionar é como o trabalho de um pintor diante de seu quadro: ele não apenas pinta, mas sim combina cores, formas e texturas para se transformarem na obra de arte. Da mesma forma que o pintor se entrega a sua tela, o escritor se entrega a sua escrita combinando cores, texturas, pensamentos, formas, influências externas ou internas.

Para análise e demonstração da visualidade que um texto literário pode ter, foi escolhido o conto *A queda da casa de Usher*, escrito em 1839, de Edgar Allan Poe. Para entendermos um pouco do processo de criação poética deste autor, é importante conhecer seu texto teórico *A Filosofia da Composição* (POE, 1999), no qual conta sobre o processo de escrita especificamente da obra “*O Corvo*”; nesse texto Poe fala sobre o efeito que ele buscou causar no leitor e diz:

O temor e a compaixão podem, realmente, ser despertado pelo espetáculo e também pela própria estruturação dos acontecimentos, o que é preferível e próprio de um poeta superior. É necessário que o enredo seja estruturado de tal maneira que quem ouvir a sequência dos acontecimentos, mesmo que sem os ver, se arrepie de temor e sinta compaixão pelo que aconteceu. (ARISTÓTELES, 2004, p.63 - grifo nosso)

Percebe-se que Poe busca criar um texto que proporcionasse a seus leitores uma reação aos acontecimentos de seus textos mesmo sem os ver, ou seja, ele fazia uso de uma rica linguagem alegórica, sinestésica e descritiva para possibilitar que seus leitores visualizassem os ambientes criados em suas histórias.

A literatura torna-se arte quando sua matéria prima, a palavra, é trabalhada de forma que venha manifestar no leitor uma reação além apenas da absorção da mensagem que ela deseja transmitir. O texto literário pode se abrir como uma tela diante dos olhos do leitor, e quando bem trabalhada, pode puxá-lo para dentro de um universo unicamente visto na mente de seu autor, mas que por meio de palavras, metáforas, descrições e signos podem ser compartilhados nas páginas de uma obra literária. Neste caso, o poeta faz algo mais do que dizer a verdade; cria realidades que possuem uma verdade: a de sua própria existência. (PAZ, 1996, p.45.). Para Paz, aquilo que se visualiza por meio de um texto poético possui uma lógica única, e que ninguém se escandaliza com um poeta que diz que “a água é como cristal”, ou seja, ele trabalha a palavra de forma que se crie uma imagem de algo translúcido e incolor assim como a água sem de fato a descrever. (PAZ, 1996, p. 45.).

METODOLOGIA

Para o desenvolvimento desta pesquisa foi feito um levantamento de informações acerca do assunto tratado tomando por base o método bibliográfico de pesquisa, buscando associar abertamente a origem dessa correlação entre os dois campos artísticos, a arte da palavra e a arte da pintura. Essa forma de trabalho permitirá o enfoque no assunto tratado, aprofundando a relação existente que as envolve.

Foram utilizados artigos pesquisados na internet, bem como livros de nossa fruição. Todas as técnicas de análise aqui utilizadas buscam fundamentar as hipóteses levantadas para que seja possível compreender e abordar a união dessas duas artes no texto literário. Obras como *A Criação Literária: poesia e prosa* (de Massaud Moisés) e *ABC da Literatura* (de Ezra Pound), entre outros livros da teoria literária constantes nas referências deste trabalho, forneceram os conceitos necessários a serem utilizados nas análises e discussão do tema em estudo. Além disso, livros sobre arte também proporcionaram a necessária fundamentação para as correlações que serão estabelecidas entre as duas artes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO PARCIAIS

Há uma nítida aliança entre poesia e pintura, pois, durante os séculos, pintores buscavam inspirações nos temas literários para suas composições e os poetas tentavam pôr imagens diante dos olhos dos leitores, que somente as artes visuais poderiam oferecer adequadamente. Praz (1982) conta em seu livro *Literatura e Artes Visuais* que:

Em textos que tais fundou-se a prática de pintores e poetas durante séculos; aqueles iam buscas, para suas composições, inspiração nos temas literários, e nestes tentavam por diante dos olhos dos leitores imagens que somente as artes visuais, ter-se-ia pensado, poderiam adequadamente oferecer. (PRAZ, 1982, p.3)

São diversas as afirmações dadas desde a Antiguidade que nos fazem querer prestar mais atenção e estudá-las para compreendermos melhor essa ligação. A presença do aspecto visual na poesia é constatada com o surgimento de imagens. A visualidade surge com a disposição estrutural das palavras aproximando-se do trabalho plástico da pintura. Diante de tais apontamentos, é clara a existência das relações entre literatura e artes visuais, mas é importante também entender o que é arte e o que é literatura para então falar das relações existentes entre elas.

A obra *Histórias Extraordinárias* é um livro de Edgar Allan Poe, composto por sete contos selecionados e considerados clássicos da literatura de horror e policial, publicado entre os anos de 1833 e 1845. Entre os contos estão: *O gato preto* (1843); *Manuscrito encontrado em uma garrafa* (1833); *Os crimes da Rua Morgue* (1841); *A carta roubada* (1845); *O poço e o Pêndulo* (1842); *O escaravelho de ouro* (1843); *A queda da casa de Usher* (1839). As sete histórias não estão interligadas. Representam o horror com personagens que vivem entre a lucidez e a loucura, e o pensamento analítico que se utiliza do raciocínio lógico e dedução intelectual do escritor a fim de solucionar crimes, temas abordados pelo autor.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, foi escolhida uma obra narrativa para aplicação das análises que demonstrarão as relações existentes entre a literatura e a pintura, objetivo principal deste trabalho de investigação. Para isso foram lidos diversos contos do autor escolhido, Edgar Allan Poe, tendo se destacado o conto *A queda da Casa de Usher*, por

acreditarmos que se enquadra nas propostas desta pesquisa e será utilizado para comprovar, por meio de análises, o objetivo deste trabalho.

Após a leitura do conto, percebe-se que a ambientação escolhida está bem adequada ao tom da narrativa, por retratar um tom de tristeza e de melancolia. O ambiente descrito é melancólico e frio; por isso, a estação em que se passam os acontecimentos só poderia ser outono ou inverno. O narrador descreve um clima pesado, as nuvens e os céus são apresentados como sombrios e escuros. Tem-se, então, um cenário propício a despertar a tristeza em qualquer indivíduo.

O título anuncia, de certa forma, o desfecho da história, ou seja, a destruição da casa. É uma antecipação, uma premonição da queda da casa, tanto da casa em si quanto da família - Roderick Usher e sua irmã Madeline eram os dois últimos.

Por meio de sua Filosofia da Composição, Poe (1999, p.5) apresenta suas concepções de produção literária, reforçando que o trabalho do escritor é árduo, trabalhoso, o que pode ser percebido pela riqueza de detalhes e pela forma como é desenvolvido o texto. Dessa forma, ao discutir as relações entre a literatura e a pintura, pretende-se comprovar nesta pesquisa que a criação literária é um trabalho que se distancia do lugar-comum, exigindo um alto grau de elaboração de linguagem.

Assim, o trabalho do poeta se faz com tal cuidado e habilidade como um quadro que vai sendo pintado, e deixa na mente de quem o contemplar, o leitor, uma sensação de total satisfação.

A atmosfera percebida durante a leitura do conto conduz o leitor a uma sensação única, de tristeza e melancolia, captada pelos fatos, nomes e acontecimentos meticulosamente pensados para se obter os resultados desejados, princípios básicos para a construção da narrativa. Todos esses elementos juntos desencadeiam o efeito de terror e medo, através de um tom de tristeza e melancolia. Em A filosofia da Composição, Poe (1999) afirma:

Nada é mais claro do que deverem todas as intrigas, dignas desse nome, ser elaboradas em relação ao epílogo, antes que se tente qualquer coisa com a pena. Só tendo o epílogo constantemente em vista, poderemos dar a um enredo seu aspecto indispensável de consequência, ou causalidade, fazendo com que os incidentes e, especialmente, o tom da obra tendam para o desenvolvimento de sua intenção. (POE, 1999, p. 1)

Com isso, Poe chama atenção para a questão do tom, também entendido como a atmosfera do conto. Na pintura, corresponderia à escolha das cores e recursos que comporiam a tela como os tons mais escuros, capazes de transmitir uma impressão de frieza, de obscuridade, bem como os tons mais vibrantes normalmente associados à alegria e satisfação. A exploração de ambos, de forma harmoniosa ou não, proporcionaria novos sentidos a essas cores. No conto, especificamente, a atmosfera é um aspecto imprescindível para despertar as sensações que atingiriam o leitor ao longo da leitura e, conseqüentemente, ao efeito.

Entre um acontecimento e outro Poe não economiza o uso de uma linguagem descritiva, alegórica e sinestésica para ambientar e criar nitidamente, na mente de seus leitores, o cenário dos acontecimentos narrados no conto. O autor usa as palavras como um recurso para pintar a casa, seus personagens, o ambiente, e também o desfecho dos acontecimentos. Essa “tela”, facilmente criada na mente do leitor, só é possível por meio da linguagem carregada de significações, com grande polissemia e conotação, capaz de revelar uma forte relação entre a literatura e pintura, ou seja, a arte de pintar em prosa.

Assim, o esforço estético de seus elementos constituintes na construção de atmosfera e efeito se relaciona com o discurso de maneira a ressaltar o caráter plástico do conto. Esta plasticidade possibilita a comparação do gênero literário com outras modalidades artísticas, por exemplo, a pintura.

No início da narrativa o autor determina o tom melancólico e triste que irá permear toda a história, esse tom irá influenciar também os sentimentos do narrador da história bem como causar tanto nele quanto no leitor certo incômodo em “estar na Casa”. Nota-se também que Poe, além de criar uma imagem, trabalha as palavras sinestesicamente como em “um dia pesado, mudo de outono” e “quando sombras da noite se avizinhavam”, fazendo o leitor perceber todos os seus sentidos realçados de forma a criar em sua mente uma visão completa do que seria a Casa de Usher, tudo isso por meio da linguagem.

CONCLUSÕES

Neste conto constata-se um narrador contando em primeira pessoa o que vê, ou seja, aquilo que está diante dos olhos dele, está diante dos olhos do leitor. Pelo poder da palavra, a narração vai além e também traz para nós, leitores, as impressões sensoriais e pensamentos dele, o narrador. É possível perceber que o autor faz uso de recursos da linguagem literária, polissêmica e plurissignificativa, para imprimir em nós exatamente o que ele deseja.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Poética**. Lisboa: Edição da Fundação Calouste Gulbenkian, 2004. COLI, Jorge. O que é arte. São Paulo: Brasiliense, 1981.

OLIVEIRA, Valdevino Soares de. **Poesia e Pintura, um diálogo em três dimensões**. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

PAZ, Octávio. **Signos em Rotação**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1996. 315 p. PESSOA, Fernando. **Obra em Prosa**. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1974.

POE, Edgar Allan. **A queda da Casa de Usher**. In: POE, Edgar Allan. **Histórias Extraordinárias**. 12. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. p. 156-176.

_____. **Poemas e Ensaios**. (Trad. Oscar Mendes e Milton Amado). São Paulo: Globo, 1999. 3. ed. revista.

PRAZ, Mario. **Literatura e Artes Visuais**. São Paulo: Editora Cultrix, 1982.